

UM PANORAMA DA TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS SOBRE A LEGENDA AUREA NO BRASIL

AN OVERVIEW OF THE TRAJECTORY OF STUDIES ON THE GOLDEN LEGEND IN BRAZIL

André Rocha de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro
andrero1898@gmail.com

Resumo: A *Legenda aurea*, compilação hagiográfica produzida na península Itálica, na segunda metade do século XIII – cuja autoria é remetida ao frade dominicano Jacopo de Varazze –, tem sido bastante estudada por pesquisadores de diversos lugares do mundo. No Brasil, não é diferente. Desde seu desembarque em território nacional há mais de trinta anos, uma quantidade significativa de produções acadêmicas (de teses a apresentações de trabalhos) já foi realizada. Tendo isso em vista, o presente artigo tem por objetivo fazer um balanço a respeito desses trabalhos. O foco, no entanto, não reside em discorrer sobre os temas mais explorados, mas sim colocar em perspectiva a trajetória desses trabalhos sobre o legendário. Para isso, vale-se de uma abordagem quantitativa realizada a partir de dados coletados na plataforma Lattes. Igualmente, busca-se situar essas pesquisas dentro dos estudos medievais no país, bem como levantar explicações externas para suas tendências e oscilações.

Palavras-chaves: Legenda aurea; trabalhos acadêmicos; Lattes.

Abstract: The Golden Legend, a hagiographic compilation produced in the Italian Peninsula in the second half of the 13th century, attributed to the Dominican friar Jacopo de Varazze, has been extensively studied by researchers from various parts of the world. In Brazil, it is no different. Since its arrival in Brazilian territory over thirty years ago, a significant amount of academic work (from theses to presentations) has been carried out. With that in mind, this article aims to provide an overview of these works. However, the focus is not on discussing the most explored themes but rather on putting into perspective the trajectory of these works on the legendary. To do so, a quantitative approach is employed based on data collected from the Lattes platform. Similarly, the goal is to situate these research projects within medieval studies in the country, as well as to identify external factors that explain their trends and fluctuations.

Keywords: Golden Legend; academic works; Lattes.

Introdução

Há tempos, a *Legenda aurea* tem sido objeto de pesquisa de muitos estudiosos no Brasil. O vasto universo de temáticas que atravessam o legendário de Jacopo de Varazze ajuda a explicar o interesse pela obra. Além disso, a oferta de uma

versão do texto em língua portuguesa, bem como de uma considerável historiografia produzida nesse idioma acerca do assunto, serve como chamariz para pesquisadores que buscam dar os primeiros passos na academia.

Este artigo consiste, pode-se dizer, em uma consequência dessa disseminação de investigações sobre a compilação hagiográfica. Nesse cenário, faz-se necessário vez ou outra parar e voltar as atenções para o que vem sendo produzido. Sendo assim, o presente texto se ocupa dessa tarefa; no entanto, procede de forma distinta da usual em artigos de revisão. Apresenta-se aqui um panorama contextualizado dessas produções, pois é preciso colocar em perspectiva os fatores externos à pesquisa que incidem sobre os trabalhos.

Não obstante esse ponto, e mesmo de forma complementar a ele, entende-se que tal iniciativa deva ser situada dentro de algo maior: os estudos medievais no país. Desse modo, busca-se, de um lado, expor as tendências e oscilações dos trabalhos sobre a obra, levando-se em consideração quesitos conjunturais que afetam a atividade; de outro, articular, sempre que possível, esses movimentos ao caminho percorrido pela disciplina História Medieval no Brasil.

Para a execução dessa proposta, vale-se aqui de uma abordagem quantitativa realizada a partir de dados coletados na plataforma Lattes. O quadro que se esboça a partir de então permite apontar aquela que seria a trajetória das pesquisas sobre a *Legenda aurea* desenvolvidas em território nacional. Não se trata, por conseguinte, de pôr em evidência quais itens da obra mais chamam atenção dos investigadores. O que se pretende alcançar aqui é o estágio em que se encontram os estudos acerca do legendário.

Há três observações importantes a respeito do inventário aqui apresentado. Em primeiro lugar, cabe sinalizar que as questões trazidas com o levantamento visam suscitar mais hipóteses do que oferecer respostas definitivas. Em segundo, as informações foram colhidas na plataforma Lattes em setembro de 2022. Por último, não há ilusão de que o panorama apresentado encerre todos os trabalhos sobre a compilação já produzidos no Brasil; engloba apenas os que obedecem ao critério adotado.

O texto está dividido em três partes. Na primeira, o foco recai sobre os

estudos medievais no Brasil. Ao longo desse tópico, é traçado um quadro com o desenvolvimento dessa área de estudos – o interesse aqui reside na década de 1990 em diante. O segundo item é breve: trata dos critérios utilizados para a pesquisa na plataforma Lattes. Na última, a partir de um olhar panorâmico acerca dos trabalhos produzidos, busca-se contextualizar as tendências e oscilações observadas nas produções.

Os estudos medievais no país

Em que estágio se encontram os estudos sobre a *Legenda aurea* no Brasil? Estão consolidados? Em expansão? Declínio? Para que seja possível falar das pesquisas sobre a compilação hagiográfica no país é preciso contextualizá-las primeiro. É necessário captar o movimento no qual se insere, uma vez que é a expansão/consolidação deste que a viabiliza. Estamos falando dos estudos medievais em território nacional. Não se trata de uma novidade; esse campo já se encontra estabelecido.

Jogar luz sobre esse processo, porém, ajuda a entender o ponto em que se encontram as investigações acerca do legendário de Jacopo de Varazze. Nesse sentido, aquilo que se pode chamar de história da História Medieval no Brasil tem início na década de 1940, contando com forte influência da historiografia francesa.¹ A primeira tese sobre o período é a produzida por Eurípedes Simões de Paula, sob a orientação do historiador francês Jean Gagé, no âmbito da Universidade de São Paulo (USP),² instituição pioneira nos estudos medievais no país.³

Os anos seguintes veem uma quantidade de trabalhos acadêmicos acerca desse recorte bastante tímida. A escassez impera. As graduações parecem

¹ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da. Os Estudos Medievais no Brasil e a *Internet*: uma análise do uso dos recursos virtuais na produção medievalista (1995 a 2006). *História, imagem e narrativas*. [Rio de Janeiro], ano 2, n. 4, p. 134-146, 2007.

² Trata-se da tese intitulada “O comércio varegue e o Grão Principado de Kiev”, de 1942. Cf. CENTRO de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” (USP). Disponível em: <https://caph.fflch.usp.br/node/10771>. Acesso em: 30 set. 2022. Maiores informações sobre Eurípedes de Paula podem ser encontradas no dossiê a ele dedicado pela *Revista de História* (USP) em 2009. Cf. DOSSIÊ “Eurípedes Simões de Paula”. *Revista de História*, São Paulo, n. 160, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/view/1467>. Acesso em: 30 set. 2022.

³ NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. Os estudos medievais no Brasil de hoje. *Medievalismo: Revista de la Sociedad Española de Estudios Medievales*, Múrcia, n. 12, p. 291-297, 2002.

verdadeiras *Arrakis*.⁴ Os programas de pós-graduação então se configuram em praticamente os únicos espaços abertos ao desenvolvimento de pesquisas sobre o medievo.⁵ Mesmo assim, as décadas seguintes apresentam um número ínfimo de dissertações e teses a respeito desse quadrante da história.

Para exemplificar quão diminuta é essa produção nas décadas posteriores a 1940, cabe mencionar levantamento realizado por Lênia Mongelli⁶ a partir dos quadros de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Assim, entre 1942 e 1997 são defendidas 2404 dissertações e 2084 teses, dentre as quais 60 e 61, respectivamente, são relativas ao medievo. Somados, dos 4488 trabalhos realizados, apenas 121 tratam da Idade Média ou, em percentagem, somente 2,5% do total produzido nos cursos de mestrado e doutorado.

Ainda na década de 1990, medievalistas ocupam-se em apontar razões para esse vazio. Desse modo, enquanto Maria Sonsoles Guerras⁷ chama atenção para o fato de apenas três universidades⁸ possuírem cursos de mestrado e doutorado com especialização em História Medieval, María Guadalupe Pedrero-Sánchez⁹ aponta uma série de fatores que vão desde a falta de apoio institucional até a escassez de bibliografia especializada nas bibliotecas.¹⁰

Esse contexto ainda preenche as reflexões dos estudiosos sobre o período no começo dos anos 2000, como pode ser constatado nos textos dedicados a essa

⁴ Alusão ao nome do planeta-deserto ícone da série de romances de Frank Herbert, *Duna*. Em *Arrakis* inicialmente nada floresce, e a água é uma dádiva de poucos. Faz aqui um paralelo entre o desenvolvimento dos estudos medievais no Brasil e as transformações operadas naquele planeta. Cf. HERBERT, Frank. *Duna*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2017.

⁵ LEÃO, Ângela Vaz. Os estudos medievais na atualidade brasileira: região sudeste. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 3., 1999, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 138-145.

⁶ MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. A quem se destinam os estudos medievais no Brasil?. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 3., 1999, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 146-154.

⁷ SONSOLES GUERRAS, Maria. A situação da pesquisa de História geral no Brasil: História medieval. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA (SBPH), 11., 1991, São Paulo. *Anais...* São Paulo: SBPH, 1991. p. 13-14.

⁸ Casos de Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e USP.

⁹ PEDRERO-SÁNCHEZ, María Guadalupe. Los estudios medievales en Brasil. *Medievalismo: Revista de la Sociedad Española de Estudios Medievales*, Múrcia, n. 4, p. 223-228, 1994.

¹⁰ Outros problemas indicados pela autora são a ausência de documentação disponível, bem como a de publicações, periódicos e espaços para debates e trocas entre especialistas. Cf. *Ibid.*

questão publicados na primeira década deste século.¹¹ Nesse sentido, Andréia C. L. Frazão da Silva¹² indica a escassez de concursos públicos e os constantes cortes de bolsas e auxílios como alguns dos principais fatores para aquele cenário.¹³ Apesar de se referir a outro contexto, é curioso – e patético – observar como essas considerações são atuais.

A partir da década de 1990, porém, verifica-se uma significativa alteração nos rumos dos estudos medievais. Vegetação começa a cobrir o deserto quando um conjunto de elementos vem acudir esse campo de pesquisa. Assim, a Capes,¹⁴ por meio do Programa de Auxílio às Áreas Carentes, contribui decisivamente para essa virada. Esse programa concede bolsas e auxílios visando pôr fim à carência de pessoal qualificado no que concerne às pesquisas sobre o período.¹⁵

A tal programa somam-se outros avanços, como a abertura de espaço nas publicações acadêmicas para trabalhos referentes ao medievo – casos da *Revista de História* (USP) e da *História em Cadernos* (UFRJ).¹⁶ Na virada do século XXI, chegam também os periódicos especializados em Idade Média, como *Signum*, *Mirabilia* e *Brathair*, criados nesse momento.

O divisor de águas nessa virada nas investigações acerca do medievo, no entanto, acontece em 1996 com a criação da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM). Essa organização surge como um atestado de reconhecimento institucional e cumpre importante papel no processo de consolidação dos estudos

¹¹ Para além dos autores citados até aqui, pode-se encontrar reflexões a esse respeito em textos como os de: RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Estudos medievais na atualidade. Os estudos medievais no Distrito Federal. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 3., 1999, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001, p. 155-158; MACEDO, José Rivair. Os estudos medievais no Brasil: tentativa de síntese. *Reti Medievali Rivista*, Florença, v. 7, n. 1, p. 1-9, 2006.

¹² SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 87-107, 2004.

¹³ Silva menciona também a falta de professores especializados nas instituições de ensino superior; a quase total ausência de temáticas medievais nos ensinamentos fundamental e médio, e a falta de disciplinas obrigatórias sobre o medievo nas grades dos cursos de humanas, salvo o de História. Cf. *Ibid.*

¹⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹⁵ SONSOLES GUERRAS, 1991; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A Península Ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais da UFRJ. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 2, p. 79-96, 2012.

¹⁶ SONSOLES GUERRAS, op. cit.

medievais; ela serve como instrumento de promoção e divulgação da produção científica, incentiva a pesquisa e o ensino sobre esse período e estimula a troca entre especialistas.¹⁷

A consolidação dos estudos medievais, no entanto, não teria sido possível tão somente com a criação da ABREM, ainda que sua fundação tenha sido um marco para a investigação da Idade Média em território nacional. Em paralelo a essas iniciativas, um empreendimento fundamental começa a florescer pelo Brasil também a partir dessa década: os laboratórios de pesquisa.¹⁸ Estes vão contribuir sobremaneira para a expansão dos estudos medievais no país.

Se, na virada do século, observa-se o destaque de uma concentração de grupos no eixo Sul-Sudeste,¹⁹ sendo as outras regiões pouco participativas, o avançar dos anos 2000 constata sua disseminação pelo país. Uma consulta – realizada em outubro de 2022 – ao Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, mantido pelo CNPq,²⁰ revela a existência de 52 grupos de pesquisa cadastrados com o termo “medieval” no nome ou na linha de pesquisa (tanto no nome desta quanto na palavra-chave).²¹

Apesar de ainda haver um predomínio da região Sudeste nesse levantamento

¹⁷ Um dos frutos gerados pela ABREM que precisa ser mencionado são os Encontros Internacionais de Estudos Medievais (EIEM). Esses congressos constituem um dos principais fóruns nacionais a reunir especialistas brasileiros e estrangeiros. Cf. BASTOS, Mário Jorge da Motta; RUST, Leandro Duarte. *Translatio Studii. A História Medieval no Brasil*. *Signum: Revista da ABREM*, São Paulo, n. 10, p. 163-188, 2008.

¹⁸ Cabe salientar que a proliferação de laboratórios é um fenômeno geral nas universidades e favorece diversas áreas do conhecimento.

¹⁹ Em 2002, Nogueira identifica dez centros ou núcleos de pesquisa que têm participado ativamente desse processo, a saber: o Programa de Estudos Medievais (PEM) e o Medievo, ambos da UFRJ; o Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos (*Scriptorium*), da UFF; o Programa de Estudos Medievais da UnB; o Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da UNESP (campus de Assis); o Centro de Estudos Medievais da PUC-SP; o Grupo de Trabalho de Estudos Medievais na UFRGS e PUC-RS; o Grupo de Estudos Antigos e Medievais (GEAM) na Universidade Estadual de Maringá/PR, Universidade de Londrina/PR e UFSC; o Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente da USP, e o Grupo de Pesquisas Medievais da UFES. Cf. NOGUEIRA, 2002.

²⁰ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

²¹ Para chegar a tal número, o procedimento foi o seguinte: em Consulta parametrizada, foram selecionadas as opções “Base Corrente”; “Termo de Busca: medieval”; “Consultar por: Grupo”; “Aplicar a busca nos campos: Nome do grupo, Nome da linha de pesquisa, Palavra-chave da linha de pesquisa”; “Situação: certificado / Não-atualizado”; “Filtros”; “Área do Conhecimento”; “Grande área: Ciências Humanas (predominante do grupo)”; “Área: História (predominante do grupo)”. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf. Acesso em: 02 out. 2022.

– 21 dos 52 grupos mencionados estão ali situados²² –, os investimentos públicos em educação, ciência e tecnologia, sobretudo no período entre 2003 e 2015, contribui para o crescimento da quantidade de grupos de pesquisa sobre a Idade Média em território nacional.²³ A presença de laboratórios dedicados aos estudos medievais em todas as regiões do país finda por tornar *Arrakis* em uma grande floresta.

Com o alastramento desses polos de estudos sobre a Idade Média, a quantidade de temáticas pesquisadas é conseqüentemente ampliada. Estas se beneficiam dos novos objetos e abordagens advindos da chamada Nova História,²⁴ que desembarca por aqui renovando a influência da historiografia francesa nos trabalhos produzidos. Mesmo diante dessa conjuntura de expansão – tanto de centros de pesquisa quanto de temáticas investigadas –, pode-se afirmar que ainda há um enorme campo por percorrer.

Campo este que se dilata ainda mais no que concerne às pesquisas sobre as Vidas de santo, ramo textual das hagiografias que interessa aqui. Mesmo com o

²² Além dos 21 grupos no Sudeste, há 14 no Nordeste, 7 no Sul, 6 no Centro-oeste e 4 no Norte.

²³ É uma dedução lógica: quanto maiores os investimentos na área, observados a partir dos orçamentos de órgãos como CAPES e CNPq; de pastas como Ministério da Educação e Ministério da Ciência e Tecnologia, e de fundos como o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, maiores são os fomentos e conseqüentemente o contexto se torna mais propício ao surgimento de novos grupos de pesquisa estruturados dentro das universidades – principais instituições responsáveis pela produção de conhecimento científico no país. Informações orçamentárias sobre essas entidades foram arroladas por institutos como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e o Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB). Um retrato sobre os orçamentos de CAPES e CNPq também é explorado pelo artigo de Gabriel Zanlorenssi e Caroline Souza no *Nexo Jornal*. Cf. SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Análises orçamentárias e legislativas: série histórica*. São Paulo: SBPC, 2022. Disponível em: <http://portal.sbpnet.org.br/analises-orcamentarias-legislativas/>. Acesso em: 02 out. 2022; LUZ, Joyce; FERES JÚNIOR, João; GERSHON, Debora. *O orçamento da Educação, Ciência e Tecnologia no Brasil: 22 anos de avanços e retrocessos*. Rio de Janeiro: Observatório do Legislativo Brasileiro, 2022. Disponível em: <https://olb.org.br/ciencias-sociais-articuladas-o-orcamento-da-educacao-ciencia-e-tecnologia-no-brasil-22-anos-de-avancos-e-retrocessos/>. Acesso em: 02 out. 2022; ZANLORENSSI, Gabriel; SOUZA, Caroline. Orçamentos da Capes e do CNPq caíram 73,4% desde 2015. *Nexo Jornal*, São Paulo, 20 out. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2021/10/20/Or%C3%A7amentos-da-Capes-e-do-CNPq-ca%C3%ADram-734-desde-2015>. Acesso em: 02 out. 2022.

²⁴ Para maiores informações sobre o movimento chamado Nova História, ver: DEL PRIORE, Mary. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. *Revista USP*, São Paulo, n. 23, p. 48-55, 1994; BOTO, Carlota. Nova História e seus velhos dilemas. *Revista USP*, São Paulo, n. 23, p. 22-33, 1994; RIBEIRO, Renato Janine. O risco de uma nova ortodoxia. *Revista USP*, São Paulo, n. 23, p. 06-13, 1994; BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História: A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 5v. V.5.

notável crescimento da quantidade de estudos realizados sobre esse tipo de documento no país,²⁵ ainda se verifica uma extensa e fértil área a ser explorada. Essa constatação ganha força quando se observa os trabalhos finais (dissertações e teses) produzidos nos programas de pós-graduação brasileiros.

É possível ter uma noção de as quantas andam essas investigações a partir do catálogo “Os Estudos Medievais no Brasil – Catálogo de Dissertações e Teses: Filosofia, História, Letras (1990-2002)”, organizado por José Rivair Macedo.²⁶ Essa obra reúne boa parte dos trabalhos provenientes dos cursos de pós-graduação desde a virada que se dá a partir da década de 1990. Em suas páginas, chama atenção o fato de que apenas cinco trabalhos sejam dedicados à análise de hagiografias, sendo que apenas um, de Andréia C. L. Frazão da Silva,²⁷ trabalha com Vidas de santo propriamente ditas.

Como aludido acima, de 2002 para cá os estudos sobre essa modalidade hagiográfica presenciam um evidente aumento. Onze anos atrás já se podia constatar esse crescimento usando apenas a UFRJ como exemplo. Assim, somente no ano de 2012, quatro dissertações que utilizam Vidas de santo como principal suporte documental são defendidas no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC),²⁸ número superior ao total de trabalhos da pós-graduação,

²⁵ É possível ter uma ordem de grandeza sobre os estudos a partir desse objeto com uma simples busca por assunto na plataforma Lattes. Assim procedendo, chega-se ao número de 401 referências encontradas. Disponível em:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=forwardPaginaResultados®istros=0;10&query=%28%2Bidx_assunto%3A%28hagiografia%29+%2Bidx_nacionalidade%3Ae%29+or+%28%2Bidx_assunto%3A%28hagiografia%29+%2Bidx_nacionalidade%3Ab+%5E500+%29&analise=cv&tipoOrdenacao=null&paginaOrigem=index.do&mostrarScore=true&mostrarBandeira=true&modoIndAdhoc=null. Acesso em: 02 out. 2022.

²⁶ MACEDO, José Rivair. (org.). *Os Estudos Medievais no Brasil: Catálogo de Dissertações e Teses: Filosofia, História, Letras (1990-2002)*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

²⁷ Trata-se da tese de doutorado: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. “*Quiero fer una prosa en roman paladino ...*”: as Vidas de Santos de Gonzalo de Berceo. 1996. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

²⁸ Referimo-nos aqui às dissertações de Juliana Bomfim, intitulada “Corpo e pecado em perspectiva comparada: um olhar sobre a hagiografia *Vita Dominici Siliensis de Grimaldo* e os *Concãlios* de Castela e Leão do século XI”; Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz, com o título “Virtudes cristãs na construção da santidade medieval na Hispania visigoda do século VII: um estudo comparado entre a *Vita Sancti Aemiliani* e a *Vita Fructuosi*”; Alinde Gadelha Kühner, “Hagiografia e Santidade no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: uma análise comparativa da *Vita Tellonis* e da *Vita Theotonii*, e a de Adriana Conceição de Souza, “Realeza, santidade e tirania nas narrativas visigodas: uma análise comparativa da *Vita Desiderii*, do rei Sisebuto, e da *Historia Wambae*, do bispo Julian de Toledo (século VII)”.

com esse tipo de fonte, realizados até 2002 em todo o território nacional.

É nesse contexto que as pesquisas sobre as Vidas de santo que compõem a *Legenda aurea* se inserem.

A consulta ao Lattes

Algumas palavras são necessárias a respeito de como se apreende aqui essa inserção. Como antecipado na introdução, não se tem a ilusão de desenhar um quadro irretocável sobre os estudos realizados a partir do legendário até o presente momento. Um levantamento dessa magnitude é algo bastante difícil, talvez impossível. Isso porque há muitas nuances envolvendo a definição dos critérios que servem de parâmetros.

Tem-se, nesse sentido, a clareza de que os critérios adotados – que serão expostos a seguir – não alcançam de maneira fidedigna todos os trabalhos já realizados sobre esse objeto. Todavia, isso não inviabiliza o levantamento. É possível sim estabelecer um panorama, uma visão de conjunto sobre as pesquisas que vem sendo desenvolvidas a partir da análise da *Legenda aurea* no Brasil.

Cabe frisar, também, que a metodologia adotada aqui deriva do método proposto por Igor Salomão Teixeira.²⁹ Em seu breve texto, Igor Teixeira salienta a importância da plataforma Lattes – do CNPq – para a pesquisa acadêmica e indica os parâmetros para o levantamento de informações. Essa contribuição serve de ponto de partida para a realização do presente inventário, que igualmente se vale da plataforma Lattes como base de dados. Eis o passo a passo:³⁰

- 1) Busca por assunto;
- 2) Busca pelas palavras-chave: *Legenda aurea*, Golden Legend, *Leyenda Dorada* e *Legende Doree*;

²⁹ TEIXEIRA, Igor Salomão. A Hagiografia no Brasil: A *Legenda áurea* e os 10 anos da tradução brasileira. In: ____ (org.). *História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2014. p. 7-13.

³⁰ É possível reproduzir esses passos na seção “Buscar Currículo Lattes (Busca Simples)”. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>. Acesso em: 03 out. 2022.

- 3) Busca por pesquisadores de todos os níveis de formação, e
- 4) Busca por pesquisadores de todas as nacionalidades.

Na página de busca de currículos da plataforma Lattes é possível escolher o modo de busca: por nome ou assunto. Optando por este último, pode-se levantar as produções a partir do título ou da palavra-chave. Dadas as diferentes edições usadas nas pesquisas acerca da *Legenda aurea* (edições que podem estar em distintos idiomas), o presente inventário leva em consideração na escolha das palavras-chave os idiomas ocidentais mais comuns de serem encontrados nas produções nacionais – inglês, espanhol e francês – além, é claro, da busca pela forma como o termo é grafado neste artigo.³¹

Considera-se também a produção de pesquisadores de todos os níveis, ou seja, doutores, mestres, graduados e graduandos. Outrossim, não se diferencia aqui a área do conhecimento ao qual o estudioso pertença (História, Filosofia, Antropologia, etc.) nem sua nacionalidade. Porém, o principal critério a ser destacado versa sobre a produção considerada. Trata-se de livros, capítulos de livros, teses, dissertações, monografias, artigos publicados (em periódicos ou anais de eventos) e apresentações de trabalho que mencionem nominalmente a palavra-chave no título.

Desse modo, em levantamento realizado em maio de 2022 e atualizado em setembro desse mesmo ano, constata-se 107 resultados encontrados, sendo 96 para o termo “*Legenda aurea*”, 5 para “*Golden Legend*”, 2 para “*Leyenda dorada*” e 4 para “*Legende Doree*” relativos a produções desde 1989. Dos trabalhos considerados, buscar-se-á, nas próximas páginas, traçar um panorama sobre a produção acerca do legendário registrada na plataforma Lattes.

A trajetória dos estudos sobre a *Legenda aurea*

Na esteira do desenvolvimento dos estudos medievais, é na virada da década de 1980 para 1990 que os trabalhos sobre o legendário começam a aparecer. Em

³¹ Adota-se aqui a grafia latina do termo, que também serve para a busca em língua portuguesa.

1989, Hilário Franco Júnior, responsável por introduzir a *Legenda aurea* nas pesquisas nacionais, apresenta a comunicação “A outra face dos santos: os milagres punitivos na Legenda Aurea” na VIII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Remonta também a esse evento, publicado em seus anais, o primeiro texto acerca da compilação.³²

A partir de então, em todos os anos se verifica ao menos uma produção sobre a coletânea. O início é tímido. A década de 1990 conta somente com 11 trabalhos, sendo 4 apenas no ano 2000. Inclusive, é a partir da virada do milênio que a produção de estudos sobre a *Legenda aurea* começa a ganhar tração. Isso se dá em consequência ao surgimento de novos pesquisadores. Para se ter uma ideia, entre 1989 e 1999 registra-se tão somente 2 estudiosos dedicados ao assunto.³³

Desse modo, em 1995 acontece a primeira aparição de artigo em periódico: “A escravidão desejada: escatologia e santidade na Legenda Áurea”, também de Hilário Franco Júnior, publicado na *Revista Brasileira de História*.³⁴ Três anos depois, em 1998, acontece a primeira defesa de trabalho final sobre o legendário na pós-graduação brasileira. Trata-se da tese de doutorado “A cristianização dos mortos: a mensagem evangelizadora da ‘Legenda Aurea’ de Jacopo de Varazze”, de Néri de Barros Almeida.³⁵

Com o adentrar do século XXI, as pesquisas sobre a *Legenda aurea*, assim como os estudos medievais como um todo, ganham corpo. Seu estudo estende-se não só pelos cursos de pós-graduação como figuram a nível de graduação. Dessarte, a produção de exposições, artigos, capítulos de livros e trabalhos finais (teses, dissertações e monografias) dedicados a tal objeto se fazem cada vez mais presentes no âmbito das investigações acerca do período medieval.

O resultado desse florescimento pode ser constatado nos gráficos 1 e 2, que

³² Trata-se do texto referente à comunicação, que possui o mesmo título.

³³ A partir de 2000, constata-se 54 pesquisadores responsáveis por pelo menos uma produção.

³⁴ Trata-se do periódico mantido pela Associação Nacional de Professores Universitários de História (Anpuh); o referido artigo pode ser encontrado no volume 15, número 30. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=13. Acesso em: 04 out. 2022.

³⁵ A tese não está disponível em formato digital. Algumas informações podem ser encontradas no Repositório de produções da USP. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002898111>. Acesso em: 04 out. 2022.

apresentam a progressão das 237 produções realizadas até aqui. São 122 apresentações de trabalhos; 66 artigos, sendo 30 publicados em periódicos diversos e 36 em anais de eventos acadêmicos; 18 capítulos de livros; 29 trabalhos finais – dos quais 2 teses, 9 dissertações e 18 monografias –, e 2 livros.

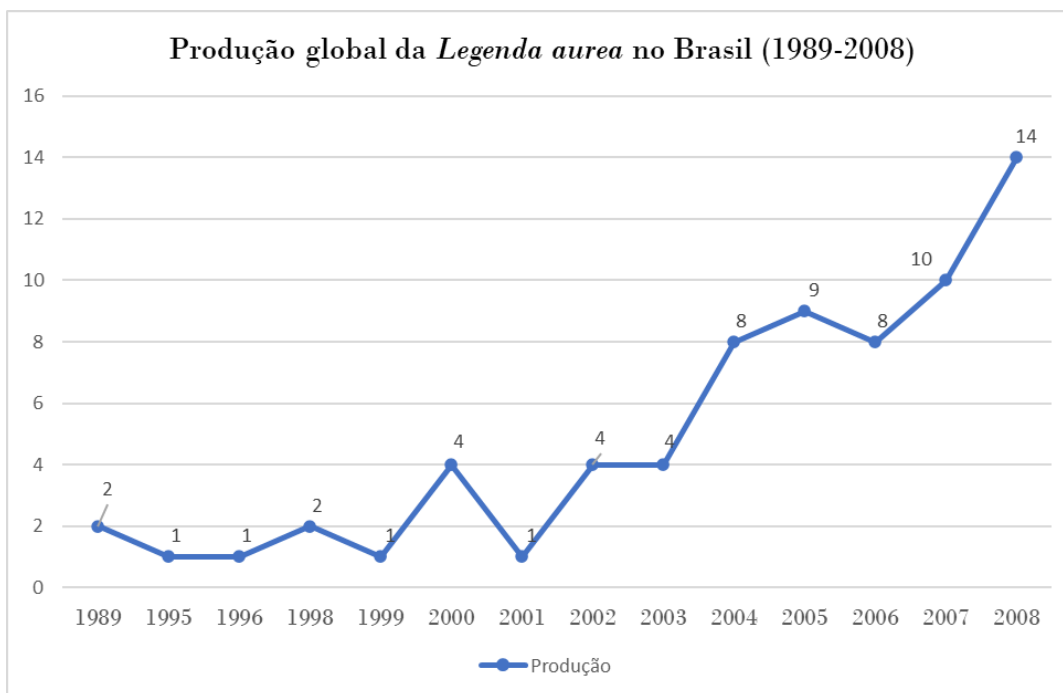


Gráfico 1

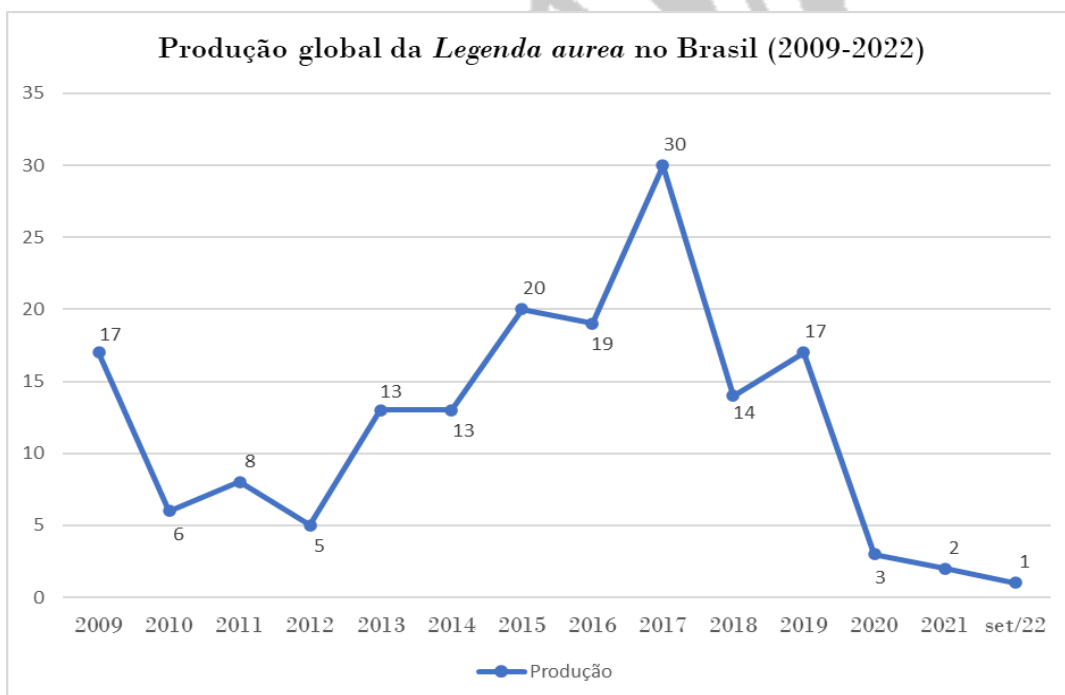


Gráfico 2

Um olhar mais atento sobre os gráficos 1 e 2 suscita algumas questões. Uma remete a algo já aludido antes: por que, apesar de já haver produção desde fins da década de 1980, as pesquisas sobre a *Legenda aurea* só engrenam a partir dos anos 2000? Outra indagação gira em torno da queda no quantitativo de trabalhos entre 2009 e 2010; o que pode ter ocasionado isso? O que explica o alto número de produções entre 2015 e 2019? E também o que justifica a brutal redução verificada desde 2020?

As possíveis respostas a esses questionamentos de forma alguma são – ou sequer pretendem ser – definitivas. Entendendo ser este um esforço sistematizado para se fazer uma reflexão sobre os estudos acerca do compêndio, interessa-nos aqui muito mais suscitar hipóteses a ser testadas do que oferecer respostas cabais. Dito isso, ocupemo-nos agora das interrogações levantadas no último parágrafo.

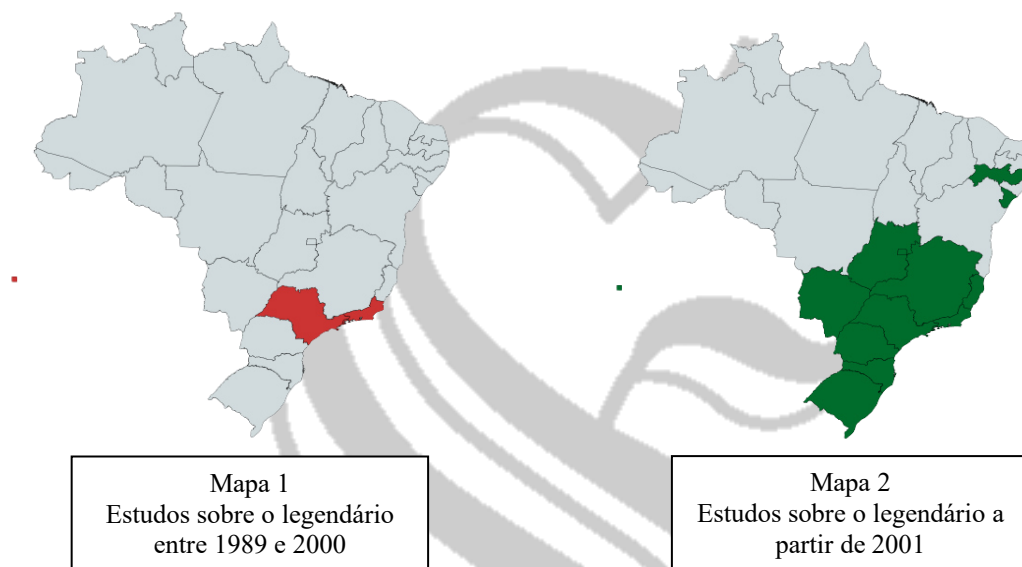
Por que os trabalhos sobre a compilação hagiográfica só engrenam a partir dos anos 2000? É possível traçar dois caminhos que ajudam a entender esse fato. O primeiro está relacionado ao desenvolvimento dos estudos medievais como um todo; como dito antes, de certa forma ele ocorre em paralelo. Assim, depreende-se o desempenho durante a década de 1990 como reflexo de um recorte no qual os trabalhos acerca do medievo começam a ser estimulados.

É preciso lembrar que essa década é o momento da virada nos estudos medievais. É no seu decorrer que as agências de fomento passam a incrementar os investimentos, os periódicos começam a abrir espaço a textos dedicados a esse período, a ABREM é fundada e tem início a proliferação de grupos de pesquisa especializados em Idade Média. Por isso, é natural que os resultados só sejam percebidos em um segundo momento. Como apontado antes, é no adentrar dos anos 2000 que os primeiros frutos são notados.

Faz sentido, então, que os trabalhos dedicados à *Legenda aurea* se façam sentir na academia somente depois da virada do século. É a partir desse momento que mais pesquisadores passam a estudar esse objeto, e isso é possível graças à difusão de laboratórios de pesquisa e ao maior fomento a esses trabalhos investigativos. A maior consolidação do campo de estudo – com a criação da ABREM – é fator relevante. Além disso, o contato com a compilação no primeiro nível de

formação – quando, muitas vezes, define-se a temática de toda a vida acadêmica³⁶ – é fundamental para sua popularização.

Os mapas reproduzidos a seguir permitem observar os efeitos dessas influências. Os estados coloridos indicam a presença de estudos sobre a *Legenda aurea*.



Como é facilmente perceptível, há uma considerável difusão de pesquisas a partir dos anos 2000. Se os estudos se concentram inicialmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro (este somente a partir do ano 2000) durante toda a década de 1990, o século XXI os faz se expandir por todo eixo Sul-Sudeste, além de se fazer presentes no Centro-oeste e no Nordeste. Apesar disso, também é evidente o enorme campo disponível para expansão, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste.

O outro caminho aventado está associado a uma produção bibliográfica específica: a edição brasileira da *Legenda aurea*, publicada pela editora Companhia das Letras em 2003. Não à toa, essa obra é traduzida por Hilário Franco Júnior (responsável também pela organização) e Néri de Barros Almeida, os dois estudiosos do legendário durante a década de 1990. Aqui, outra possibilidade interpretativa surge para auxiliar a explicação dessa propagação de trabalhos.

³⁶ Exemplo disso é Tereza Rocha, que se dedica ao estudo do legendário durante a graduação e o doutorado. Cf. <http://lattes.cnpq.br/5059029240806853>. Acesso em: 06 out. 2022

Trata-se da oferta de uma versão da compilação em língua portuguesa. Até 2003, qualquer investigação em território nacional demanda a capacidade de pelo menos ler em algum outro idioma. A questão da leitura em outras línguas é, inclusive, apontada como um dos entraves à expansão dos estudos medievais na segunda metade do século XX.³⁷ Logo, não é de se surpreender que ela se faça presente quando o assunto é a pesquisa acerca do legendário.

A edição em português, portanto, facilita o acesso às Vidas de santo inseridas na compilação. A quantidade de trabalhos produzidos após a publicação nacional permite levantar essa hipótese.

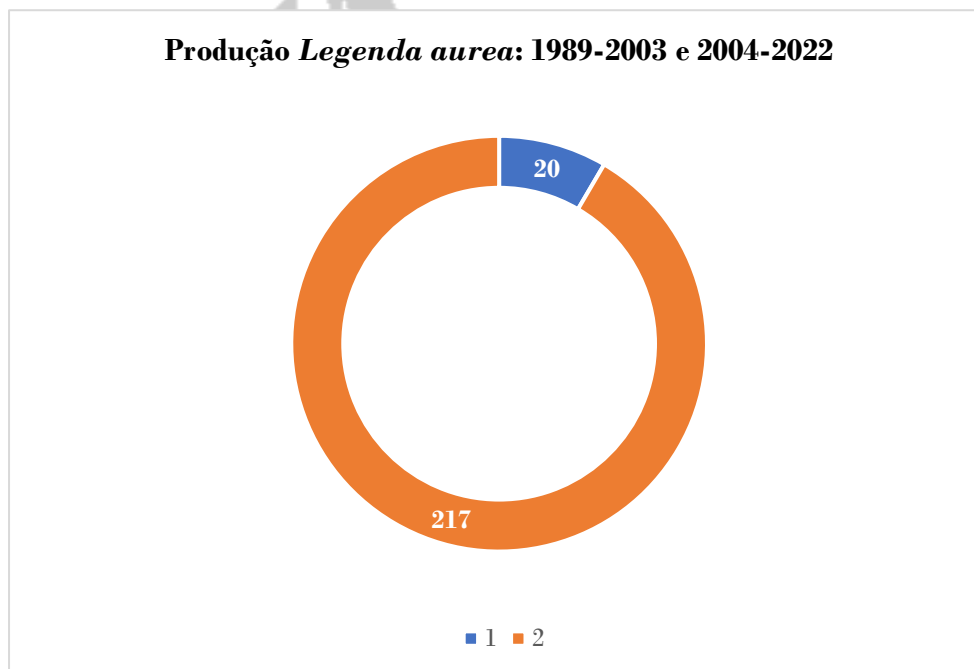


Gráfico 3

O gráfico 3 diz por si só. A discrepância entre as produções até 2003 e aquelas realizadas após 2004 é um forte indício. Não que a publicação de uma edição brasileira do texto seja a única ou mesmo a principal responsável pelo crescimento das pesquisas desenvolvidas a partir da análise da *Legenda aurea*, mas é um quesito que não pode ser desconsiderado nessa discussão. Mesmo se restringir o período

³⁷ RIBEIRO, 2001.

posterior, de modo que os recortes anterior e posterior fiquem simétricos, a diferença persiste – como pode ser constatado no gráfico 4, abaixo.

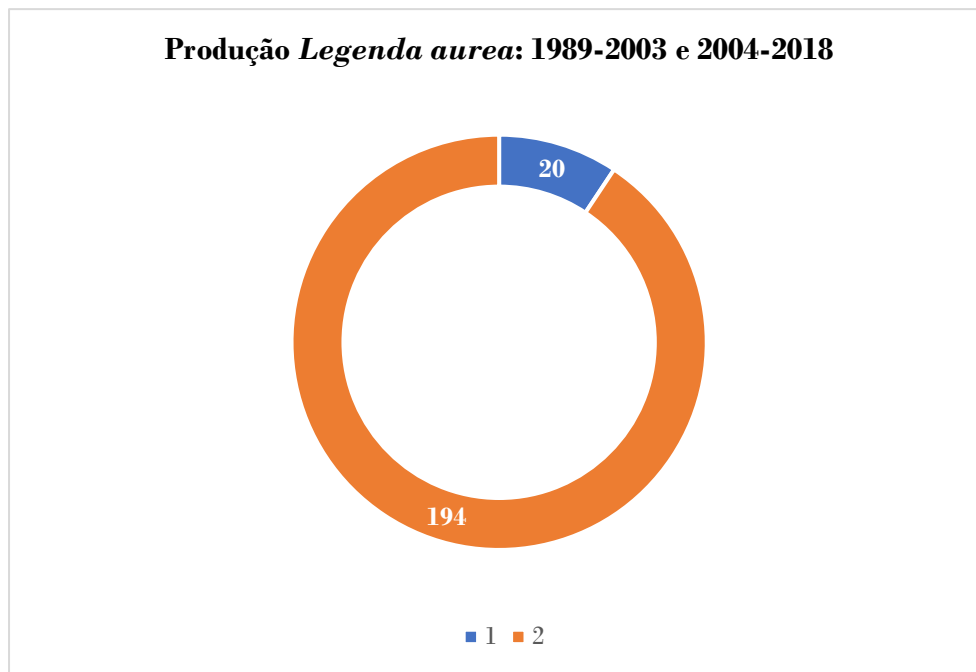


Gráfico 4

No gráfico 4, estão contabilizados os trabalhos produzidos entre 1989 e 2018. O período de 2019 em diante é descartado. Dessa forma, guarda-se um espaço temporal simétrico de quinze anos entre o antes e o depois da publicação da edição brasileira da *Legenda aurea*. Assim, verifica-se uma redução de 23 trabalhos. No entanto, como é perceptível, essa subtração não promove nenhuma alteração digna de nota.

Outro ponto relevante a se observar a respeito das pesquisas posteriores à publicação da versão brasileira é a apresentação de trabalhos no âmbito da graduação. Nesse sentido, até 2003 contam-se 5 exposições registradas na plataforma Lattes relativas a esse nível. Enquanto isso, a partir de 2004 verifica-se 51 apresentações (48 considerando o levantamento até 2018) de graduandos.

Aponta-se, portanto, duas possíveis respostas à questão do crescimento da produção sobre a *Legenda aurea* se dar a partir do início dos anos 2000. Uma coloca o desenvolvimento das pesquisas sobre o legendário em paralelo ao processo de

consolidação dos estudos medievais no país; a outra joga luz sobre a importância da promoção de uma edição da coletânea em língua portuguesa.

A segunda pergunta levantada indaga sobre a queda no quantitativo de produções entre os anos 2009 e 2010. Em termos absolutos, trata-se de uma redução de 17 trabalhos no primeiro ano para 6, no segundo. É a terceira maior oscilação negativa da série. O que chama atenção logo de imediato é que essa queda ocorre em um retrospecto até então favorável: verifica-se o aumento contínuo de produções entre 2006 e 2009, sendo que antes disso observa-se uma constante tendência de alta.

Diante disso, o que justifica tal mudança? Não se trata de uma derrocada dos estudos sobre a obra: após um período de relativa baixa (mas sempre acima do verificado na década de 1990), entre 2010 e 2012, o número de trabalhos volta a crescer de forma sólida entre os anos 2013 e 2017. Um olhar mais acurado sobre as produções registradas pode lançar luz sobre essa questão. Lembrando que se busca aqui levantar hipóteses, e não respostas definitivas.

Em 2009, há a seguinte configuração dos 17 trabalhos registrados: 1 trabalho final (monografia); 1 capítulo de livro; 7 apresentações de trabalho, e 8 artigos (5 em anais de eventos e 3 publicados em periódicos). Por sua vez, essas produções dividem-se em: 13 a nível de graduação (1 monografia, 7 apresentações, 3 artigos em anais e 2 artigos em periódicos), 3 de mestrado (2 artigos em anais e 1 capítulo de livro) e 1 de doutorado (artigo em periódico).

No ano seguinte, 2010, constata-se 6 produções, das quais: 1 trabalho final (monografia); 4 apresentações de trabalho, e 1 artigo em anais de evento. Esse quantitativo possui uma peculiaridade: está todo concentrado no âmbito da graduação. Nenhum trabalho intitulado com o nome da compilação, a nível de mestrado ou doutorado, é assinalado na plataforma Lattes nesse ano. Os dados por si só não respondem à pergunta, mas indicam o caminho para se chegar a uma possível resposta.

A chave para compreender a produção nesses dois anos, assim como a diferença de um para o outro, está na observação dos pesquisadores que a realizam. Dado que chama atenção quando se atenta para os responsáveis por esses trabalhos

é o fato de que, considerando os dois anos, 13 das 23 produções tenham a mesma autoria. Assim, em 2009, 8 dos 17 trabalhos; e, em 2010, 5 dos 6 são produzidos por Juliana Martins Silva.³⁸ Trata-se de sua monografia, 8 apresentações e 4 artigos em anais de eventos.

Essa historiadora realiza a graduação entre os anos 2007 e 2010, produzindo a monografia nesse último ano. Assim, é esperado que o período imediatamente anterior à redação do trabalho final seja preenchido com uma produção mais ativa por parte da pesquisadora. Essa característica também é verificada em outros estudiosos do objeto.³⁹ Essas informações são esclarecedoras. Infelizmente, não para justificar o decréscimo de 17 para 6 trabalhos; mas para deixar claro que o ano de 2010 se apresenta praticamente como uma exceção na trajetória dos estudos sobre a compilação.

Se retirados os trabalhos de Silva do levantamento, as produções referentes ao ano de 2009 caem de 17 para 9; e as de 2010, de 6 para 1. Nesse novo quadro, 2009 verificaria uma redução de 5 trabalhos em relação ao ano anterior, uma oscilação que, apesar de não ser insignificante, é mais suave do que a verificada originalmente. Já 2010 tornar-se-ia um ponto de inflexão, trazendo as produções a partir da *Legenda aurea* de volta ao patamar verificado na década de 1990.

Outra hipótese para essa escassez pode ser suscitada a partir do abandono do legendário por pesquisadores que vinham apresentando uma produção consistente nos anos imediatamente anteriores, mas deixam de estudar a compilação hagiográfica.⁴⁰ Esse é o caso, por exemplo, de Priscila Gonzalez Falci. Essa historiadora é responsável por 5 dos 10 trabalhos realizados em 2007 e por 6

³⁸ Uma observação precisa ser feita a respeito dos trabalhos de Juliana Silva: eles estão registrados (com exceção da monografia) em coautoria com Teresinha Maria Duarte, que foi a orientadora da monografia de fim de curso na Universidade Federal de Goiás. Outras informações sobre essa pesquisadora podem ser encontradas em seu currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3653418296913848>. Acesso em: 06 out. 2022.

³⁹ Pode-se mencionar aqui Carolina Coelho Fortes; João Guilherme Lisboa Rangel; Iara Reis D'Assunção; dentre outros. É uma constante o incremento de trabalhos quando próximo da conclusão do curso. Isso pode ser constatado nos currículos Lattes desses pesquisadores. Cf. Fortes: <http://lattes.cnpq.br/8638906511938357>. Rangel: <http://lattes.cnpq.br/7914197821123407>. D'Assunção: <http://lattes.cnpq.br/8413835718142836>. Acessos em: 06 out. 2022.

⁴⁰ É preciso frisar que isso não é algo definitivo. Alguns desses pesquisadores retornam, nem que seja pontualmente, ao legendário.

das 14 produções em 2008, ano que defende a dissertação de mestrado.⁴¹ Desde então, não se verifica mais contribuições suas.⁴²

Ou, ainda, estudiosos que não abandonam de vez a obra, mas passam a se dedicar em suas formações a outros temas e objetos. São os casos de Carolina Coelho Fortes⁴³ e Igor Salomão Teixeira.⁴⁴ Ambos dedicam suas pesquisas a nível de mestrado⁴⁵ à *Legenda aurea*; porém, deixam de ter o compêndio como documento central nas investigações que realizam durante o doutorado. Como indicado antes, nenhum desses fatores são capazes de resolver completamente a questão da redução dos trabalhos, mas permitem lançar um pouco de luz sobre esse ponto.

Terceiro problema suscitado é o alto número de produções entre os anos 2015 e 2019. Esse período pode ser considerado o auge dos estudos sobre o compêndio no país, sendo o corolário do crescimento que se verifica a partir de 2011. Nesse intervalo de cinco anos, a quantidade mínima é de 14 trabalhos, em 2018; enquanto a máxima atinge 30 no ano anterior, 2017.

É um recorte bastante profícuo responsável por 100 das 237 produções em território nacional. Não apenas o número é alto, como também é diversificado. São 14 trabalhos finais (1 tese, 4 dissertações e 9 monografias); 2 livros; 7 capítulos de livros; 24 artigos (12 em anais de eventos e 12 em periódicos), e 53 apresentações de trabalhos. Como explicar esse crescimento?

Uma dedução lógica aponta que esse incremento pode ser reflexo da consolidação dos estudos medievais no país, afinal, a década de 2010 é a terceira

⁴¹ Trata-se da dissertação “Os martírios na construção de santidades genderificadas: uma análise comparativa dos relatos da *Legenda Áurea*”. O trabalho, defendido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ, pode ser encontrado no site do Domínio Público. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=139484. Acesso em: 07 out. 2022.

⁴² O currículo Lattes de Priscila Falci está disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8182201295769972>. Acesso em: 06 out. 2022.

⁴³ O currículo Lattes de Carolina Fortes está disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8638906511938357>. Acesso em: 06 out. 2022.

⁴⁴ O currículo Lattes de Igor Teixeira está disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9000520051160025>. Acesso em: 06 out. 2022.

⁴⁵ São as dissertações “Os Atributos Masculinos das Santas na *Legenda Aurea*: os casos de Maria e Madalena”, de Carolina Fortes, e “A Encruzilhada das Ideias: Aproximações entre a *Legenda Áurea* (Iacopo da Varazze) e a *Suma Teológica* (Tomás de Aquino)”, de Igor Teixeira.

desde a virada observada nos anos 1990. Quase trinta anos depois é esperado que o campo não só apresente alicerces sólidos como também contemple uma gama mais diversa e numerosa de pesquisas. Os trabalhos sobre o legendário corresponderiam ao sucesso da expansão de grupos de pesquisa e da condição das investigações sobre o medievo no Brasil.

É uma constatação válida. No entanto, há outro fator, dessa vez externo, que tem importante peso para esse resultado. Refere-se aqui aos investimentos públicos realizados em educação, ciência e tecnologia. Conforme apontado antes, o país experimenta um considerável incremento nesses aportes, sobretudo entre 2009 e 2015 – ano este que a destinação de recursos atinge o clímax.

O Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB), entidade vinculada ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj, proporciona, por meio do Boletim “O orçamento da Educação, Ciência e Tecnologia no Brasil: 22 anos de avanços e retrocessos” um resumo das variações orçamentárias de órgãos imprescindíveis ao desenvolvimento de pesquisas no Brasil. Esse documento abrange o período que se estende de 2000 a 2022, ou seja, engloba o recorte que interessa aqui.⁴⁶

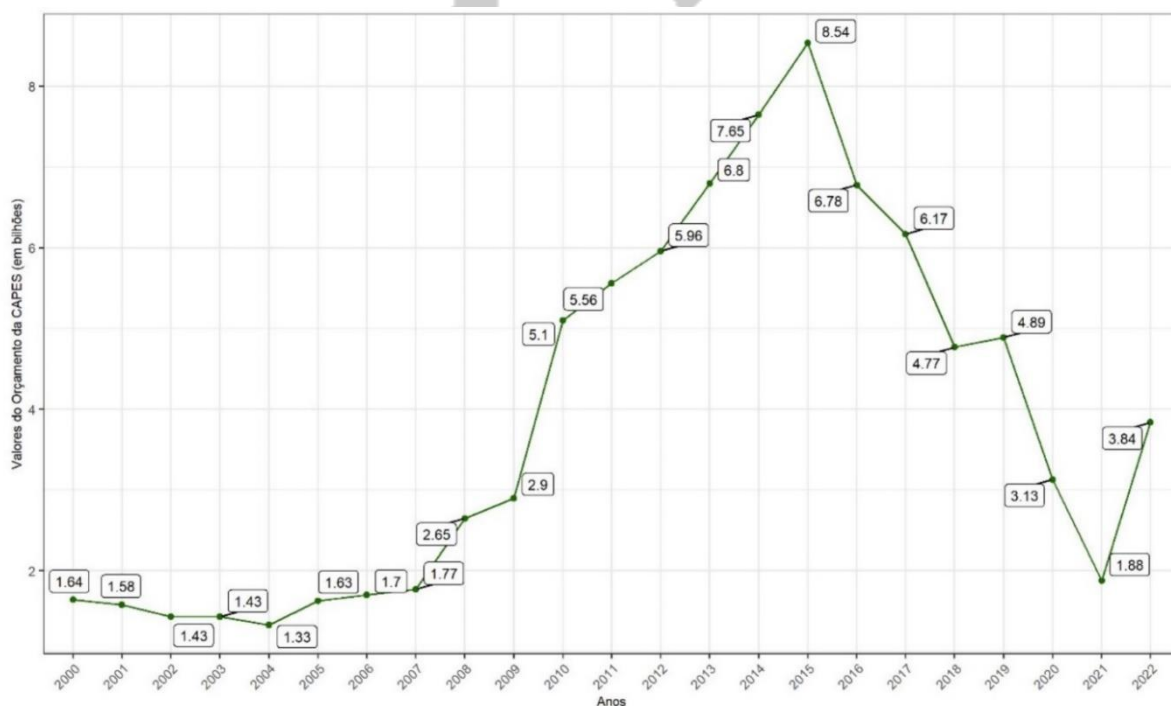
Cabe então um olhar mais atento aos orçamentos disponibilizados à Capes e ao CNPq no período em questão. Isso decorre do papel que esses institutos exercem no que tange à investigação científica no país, seja por meio de bolsas de pesquisa seja por outras modalidades de financiamento. Faz-se necessário pontuar que essas agências não são as únicas frentes de injeção de verbas na pesquisa no país. Há também os órgãos em âmbito estadual, como as diversas Fundações de Amparo à Pesquisa.

O gráfico 5, produzido pelo OLB, demonstra a evolução dos orçamentos da Capes desde o ano 2000. Após um início vagaroso no século XXI, os recursos começam a ser acrescidos a partir de 2008 – esse ano conta com um incremento de quase 1 bilhão de reais no orçamento do órgão em relação ao ano anterior. Doravante, os aportes financeiros são significativamente expandidos até o ano de 2015, quando atinge a cifra de 8,54 bilhões de reais – pico da série. Oito anos antes,

⁴⁶ LUZ; FERES JÚNIOR; GERSHON, 2022.

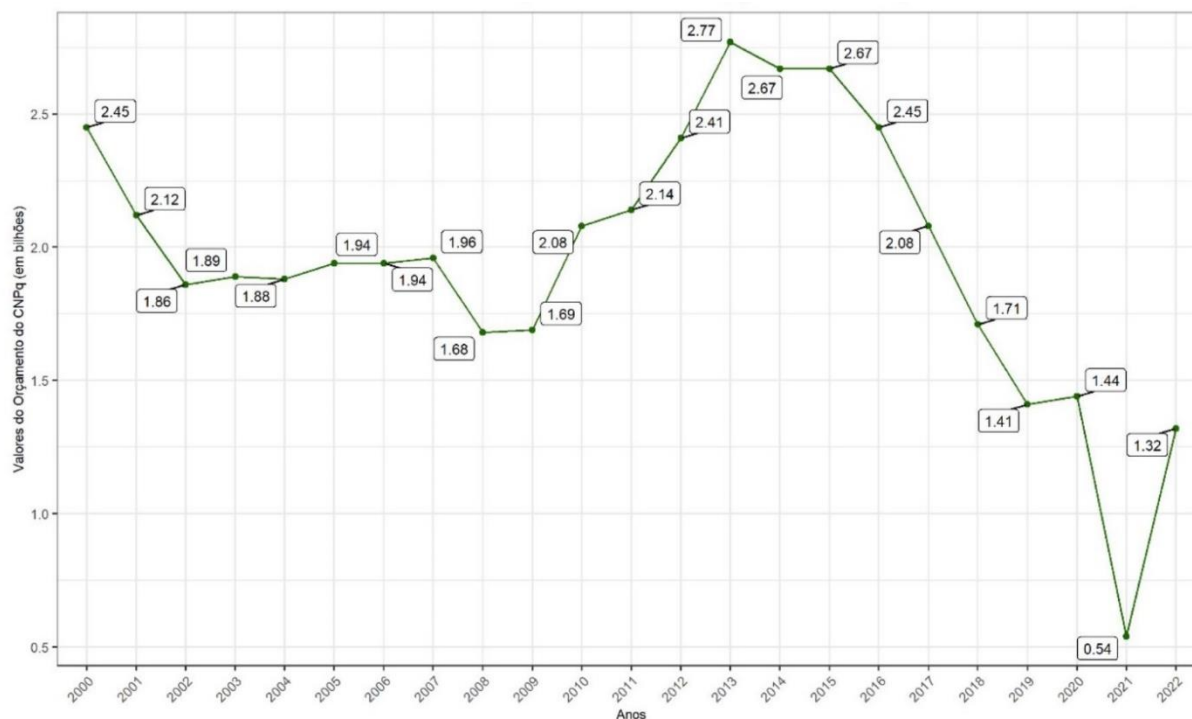
o investimento estava na casa de 1,77 bilhão de reais. É um incremento que atinge a ordem de grandeza de quase 500%.

Nesse mesmo período, também se verifica o aumento orçamentário do CNPq. A oscilação nessa instituição não é tão aguda quanto na Capes, mas praticamente o mesmo “galgar” se observa aqui. Se, em 2008, os investimentos estão na casa de 1,68 bilhão de reais; em 2014 e 2015, a autarquia aparece com 2,67 bilhões de reais de receita. Vale destacar que o pico de verbas acontece em 2013, quando chega a 2,77 bilhões de reais. O desenvolvimento do orçamento do CNPq pode ser acompanhado no gráfico 6, também gerado pelo OLB.



Fonte: Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (SIOP)

Gráfico 5 – OLB: Orçamento da Capes (2000-2022)



Fonte: Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (SIOP)

Gráfico 6 – OLB: Orçamento do CNPq (2000-2022)

Indagação que logo é suscitada após a conferência dos Gráficos 5 e 6 é: o que a produção acerca da *Legenda aurea* entre 2015 e 2019 tem a ver com o incremento dos investimentos no período imediatamente anterior, entre 2008 e 2015? A resposta a essa pergunta também se dá de pronto: a produção sobre o legendário é uma das respostas ao crescimento dos recursos disponíveis à pesquisa no país.

Como todo investimento, leva-se um tempo para que renda frutos. Um curso de graduação abrange um período de 4 ou 5 anos (às vezes, mais do que isso). O mestrado tem duração estimada de 2 a 3 anos; enquanto o doutorado leva de 4 a 5 anos. Por isso, a significativa produção no recorte 2015-2019 deve ser observada sob essa lente. É a maior oferta de bolsas de estudos, tanto na graduação quanto na pós, o financiamento de projetos que envolvam mais de um estudioso e o estímulo programático à formação de pesquisadores especializados e qualificados⁴⁷ que

⁴⁷ Refere-se aqui ao Plano Nacional de Educação 2014-2024. Entre as 20 metas estipuladas, buscase, na meta 14, a titulação anual de 25 mil doutores e 60 mil mestres para suprir a necessidade de mão de obra decorrente da expansão (e interiorização) universitária prevista. Cf. BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Dispõe sobre o Plano Nacional de Educação com vigência de dez anos a contar de sua publicação. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, Edição extra, p. 1-8, 26 jun.

ajudam a entender tal desempenho.

Chega-se, enfim, à última pergunta suscitada a partir dos gráficos 1 e 2: o que justifica a brutal redução de trabalhos desde 2019? Não é exagero chamar tal oscilação de brutal, afinal, em 2020, 2021 e 2022 apenas 6 trabalhos são produzidos acerca do legendário ante 61 do triênio anterior. Não obstante essa derrocada, o quadro apresenta-se pior de forma progressiva: são 3 trabalhos em 2020 (14 a menos do que em 2019), 2 em 2021 e apenas 1 em 2022.⁴⁸ Como entender esse fenômeno?

Aponta-se aqui três possíveis caminhos capazes de ajudar a compreender esse contexto. O primeiro volta-se para dentro. Isto é, busca-se assimilar o esfacelamento das produções no próprio estudo da compilação. Nesse sentido, pode-se sugerir que o potencial de pesquisa tendo o legendário como base esteja em declínio. Em outras palavras, as investigações acerca da *Legenda aurea* saturaram. É bem pouco crível que esta seja a situação atual. Apenas um soberbo desconhecimento sobre os estudos produzidos permite conceber isso.

O segundo caminho está em buscar a explicação para essa queda na pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (mais popularmente conhecido como Covid-19 ou coronavírus), que assola o planeta desde fins de 2019, sendo os anos 2020 e 2021 os mais afetados devido, primeiro, à ausência de vacinas, segundo, à demora (e desigualdade) em sua distribuição.⁴⁹ Esse mal ceifou a vida de mais de 6,5 milhões de pessoas ao redor do mundo, sendo quase 687 mil mortes somente no Brasil,⁵⁰ isto é, desconsiderando-se a subnotificação existente.

Com a pandemia, vem uma conjuntura temerária às economias de

2014. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/72231507/dou-edicao-extra-secao-1-26-06-2014-pg-1>. Acesso em: 07 out. 2022.

⁴⁸ É preciso levar em consideração aqui que setembro é o último mês do levantamento. Outras produções podem ter sido registradas na plataforma Lattes após essa data.

⁴⁹ A lenta e desigual distribuição de vacinas contra a Covid 19 foi objeto de preocupação por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e de diversas universidades ao redor do mundo. Cf. DESIGUALDADE na distribuição de vacinas prejudica recuperação econômica mundial, alertam PNUD, OMS e Oxford. *Centro de Imprensa das Nações Unidas Brasil*, Brasília, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/137251-desigualdade-na-distribuicao-de-vacinas-prejudica-recuperacao-economica-mundial-alertam-pnud>. Acesso em: 09 out. 2022.

⁵⁰ Dados fornecidos pela Johns Hopkins University. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 07 out. 2022.

praticamente todos os países.⁵¹ Retração econômica acompanhada de retração de recursos à pesquisa – pelo menos no Brasil. Além disso, bibliotecas, arquivos, centros de pesquisa, não só universitários mas também de outras instituições fecham as portas tornando a atividade inviável em muitos casos. Nem todos desfrutam de condições necessárias dentro de casa; nem todos possuem conexão estável à internet ou dispõem de computadores; nem todos têm acesso garantido a necessidades básicas, como alimentação ou energia elétrica.

A terceira via encontra-se na descontinuidade do financiamento à pesquisa verificada desde 2016. A interrupção do aporte de recursos pode ser constatada nos Gráficos 5 e 6. A Capes, após atingir orçamento de 8,54 bilhões de reais em 2015, desce ladeira abaixo até 2021, quando chega à cifra de 1,88 bilhão de reais – patamar da primeira década do século. Em 2022, esse valor mais do que dobra e alcança 3,84 bilhões de reais.⁵² Tais recursos, no entanto, ainda se mostram insuficientes: a envergadura atual não é a mesma da virada de 2009 para 2010, quando se verificam valores próximos a este.

Tendência semelhante é observada no orçamento do CNPq. Se, em 2014 e 2015, os recursos somam 2,67 bilhões de reais, em 2021 observa-se aporte de apenas 540 milhões de reais – menor valor de toda a série, mais de 700 milhões de reais a menos do que o segundo pior índice da sequência. Em 2022, assim como acontece com a Capes, nota-se o aumento das receitas, que vão a 1,32 bilhão de reais

⁵¹ Não são poucos os países que registram desempenhos desastrosos durante a fase mais aguda da disseminação da doença. O Banco Mundial, em pleno mês de junho de 2020, afirma que se trata da pior recessão desde a Segunda Guerra Mundial e projeta que a renda *per capita* diminuirá em todas as regiões do planeta. Cf. WORLD BANK GROUP. Global Economic Prospects: June 2020. Washington: The World Bank, 2020. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2020/06/08/covid-19-to-plunge-global-economy-into-worst-recession-since-world-war-ii>. Acesso em: 25 out. 2022. Obs.: Clicar em “Download do relatório (PDF)” no menu à direita.

⁵² Valor que pode ser (e é) menor em consequência dos vários bloqueios orçamentários impostos pelo governo ao longo do ano. Cf. ALVES, Chico. Governo faz corte de R\$ 1,7 bi na verba do MEC em meio a jogo da seleção. *UOL*, São Paulo, 28 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2022/11/28/governo-faz-corte-de-r-17-bi-na-verba-do-mec-em-meio-a-jogo-da-selecao.htm>. Acesso em: 03 dez. 2022; PUTINI, Julia. Governo federal volta a ‘zerar’ verba de universidades e institutos no mesmo dia em que tinha recuado de bloqueio. *g1*, Rio de Janeiro, 01 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/12/01/governo-federal-volta-a-retirar-verba-de-universidades-e-institutos-no-mesmo-dia-em-que-tinha-recuado-de-bloqueio.ghtml>. Acesso em: 03 dez. 2022.

(similar a outra agência, o valor mais do que dobra).⁵³ Essa quantia consiste no segundo pior número no período 2000-2022 e também é exígua no que tange às necessidades atuais do órgão.

Considerações finais

Do exposto até aqui, chega-se a uma constatação um tanto óbvia: quanto maiores os investimentos e estímulos, melhores os resultados (o empenho entre 2008 e 2015 rende os frutos de 2015 a 2019); quanto menores, piores os efeitos (o debacle registrado a partir de 2016 implica no desempenho entre 2020 e, por ora, 2023). Pandemia e abandono dos aportes de verbas parecem ser, então, os maiores responsáveis pelo contexto atual das pesquisas sobre a *Legenda aurea*. Todavia, ainda são necessários estudos, levantamentos e projeções outros que ratifiquem ou retifiquem as impressões aqui registradas.

Importante sinalizar a respeito de tal produção é o fato de, similarmente ao que ocorre no campo dos estudos medievais no Brasil, as pesquisas acerca do legendário de Jacopo de Varazze encontrarem-se estabelecidas. A quantidade de trabalhos já realizados permite afirmar isso. Estes vão desde comunicações em eventos acadêmicos até trabalhos finais que requerem um esforço considerável por parte do pesquisador, como são os casos das monografias, dissertações e teses.

Outrossim, estabelecido não significa esgotado. Em que pese o fato deste texto não ter abordado as questões que vem sendo analisadas tendo como base a compilação hagiográfica – algo a ser feito em um próximo texto –, pode-se afirmar que ainda há um profícuo campo a ser percorrido, repleto de temas e objetos pouco estudados ou mesmo inexplorados pelas investigações sobre o legendário. Nesse sentido, espera-se que uma eventual retomada nos investimentos resulte em uma igual retomada na expansão de trabalhos a respeito da *Legenda aurea* em território nacional.

Artigo recebido em 23/08/2023

Artigo aceito em 29/04/2024

⁵³ Novamente é preciso levar em conta os bloqueios orçamentários. Ver nota anterior.